



Domingo, 18 de Outubro de 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VII - N.º 211

Director: JOSE S. SANTOS LACERDA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal,  
Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 250; África Portuguesa, 6 meses 700; Estrangeiro,  
5 meses 1100.

## Os monopólios de ontem, os monopólios de hoje e a atitude dos governantes republicanos

Os republicanos que têm até agora monopolizado o poder foram os Ju-  
das dos seus programas—dos seus  
programas espantosamente recla-  
mados em dezenas de milhares  
durante as dezenas de anos que dura-  
ram as mirificas promessas da pro-  
paganda. E, no tempo da monarquia,  
os monopólios limitavam-se a rou-  
bar os consumidores dentro da le-  
tra dos contratos, nunca excedendo,  
nem exagerando os poderes quais-  
quer descriptivos que possuam para  
nos meter as mãos nos bolsos.

Quando nesses grandes comícios  
em que se ludibriou a alma popular  
se prometia a extinção dos mono-  
pólios os propagandistas davam a  
impressão nítida que iam rasgar  
esses contratos, considerando que  
acima dum prescrição legal es-  
tavam os interesses populares. Com  
o advento da república esses impe-  
tus revolucionários, porque não  
eram sinceros, desapareceram. Os  
revolucionários da propaganda tor-  
naram-se homens do Estado, avisados  
e prudentes, tão praxistas e  
conservadores como os execrados  
conselheiros da coroa. A linguagem  
mudou e com ela a atitude.

Alegou-se que era necessário res-  
peitar a letra dos contratos; que era  
preciso suportar, com resignação,  
até ao final, os monopólios a quem  
começaram a chamar "a pesada her-  
ança que a monarquia nos legou".

Afinal os republicanos que gover-  
naram isto, desgovernando-nos a nós  
e governando-se, admiravelmente a  
si próprios, têm andado de braço  
dado com os monopólios, dispen-  
sando-lhes as proteções mais imo-  
rais e escandalosas. O monopólio  
dos fósforos foi abolido pelo gover-  
no do sr. José Domingos dos Santos,  
mas meses depois foi restabele-  
cido—restabelecido com esses fós-  
foros amorfos de \$15 que acendem  
difícilmente e só a medo ardem. O  
monopólio dos tabacos não será ex-  
tinção porque todos os partidos re-  
publicanos—excepto a esquerda demo-  
crática e os radicais—estão alta-  
mente empenhados na sua manu-  
tenção.

Criaram-se outros monopólios co-  
mo o do pão e as relações da Moagem  
com os governos ainda ontem for-  
am por nós escandalizadas duma  
maneira incontrovertível. A Moagem é  
o mais odioso dos monopólios que  
até hoje têm aparecido e é um mo-  
nopólio republicano, estabelecido,

consentido e protegido por muitos  
dos caudilhos da propaganda.

O monopólio do gás que se ini-  
ciou em 1891 só finalizará em 1951.  
Há que suportá-lo ainda por 29  
anos. O da electricidade embora  
não exista de direito já há muito  
que existe de facto. Se a guerra aos  
monopólios não passasse de menti-  
ra e velhaca retórica, não tivesse  
sido um fogo de artifício comício, esse  
monopólio não se teria criado  
de facto com a agravante de corre-  
mos o perigo de, mais dia, menos  
dia, os termos implantado de direito.

A protecção concedida à Companhia  
do Gás é uma prova bem pa-  
rente da traição dos republicanos  
os compromissos que voluntaria-  
mente tomaram com o povo. A alma  
tenebrosa daquele monopólio é o  
sr. António Centeno, cuja sede de  
ouro o tem levado a roubar os con-  
sumidores e a roubar a própria Com-  
panhia do Gás, acrescentando em  
alguns milhares de contos a sua  
formidável fortuna pessoal, que é  
uma das maiores do país, à sombra  
do cargo de director que durante  
muitos anos desempenhou.

A última infâmia da Companhia  
do Gás—infâmia premeditada por  
António Centeno ou por seus irmãos  
gémeos que por lá pululam—é esse  
premeditado aumento do aluguer  
dos contadores do gás e electrici-  
dade, a que já nos temos referido, e  
que se vingar vem a dar à Companhia  
do Gás um aumento anual nos  
seus lucros de quase 2.000 contos!

A Câmara Municipal negou-lhe a  
sua aprovação e aconselhou os con-  
sumidores a não o pagar. A Companhia  
do Gás, a-pesar-dessa recusa,  
não desistiu de pôr em prática essa  
escandalosa manobra. Resta que os  
consumidores de gás e electricidade  
se mexam, recusando-se terminan-  
temente a satisfazer essa ignóbil  
extorsão.

E' tempo dos consumidores sa-  
rem da sua inércia, deixando-se de  
protestos individuais que, por serem  
feitos no seio das famílias, são muito  
cómodos mas são muito inúteis  
porque nada evitam. Já é tempo das  
vítimas dum Companhia de ladrões  
se erguerem contra ela, afirmando  
a sua invencível vontade em não se  
deixarem roubar e espesos.

E ficamos hoje por aqui, mas  
voltaremos a desmascarar o bandoleirismo  
dum dos mais perniciosos e  
execrados monopólios.

Lutar pela extinção desse crime é o sagrado dever de

todos aqueles que foram educados no culto da Verdade  
e da Justiça.

Reclamemos o regresso desses homens à metrópole. A  
situação que está é iníqua e não pode manter-se. Agar-  
rar num indivíduo, inscrever-lhe no cadastro a afrontosa  
legenda — Legionário — e sem mais forma de processo,  
sem um arremedo sequer de julgamento, enviá-lo para a  
África, para a tortura máxima, para a morte — é uma  
infâmia que tanto envergonha quem a pratica como quem  
a mantém.

Seria uma repugnante cumplicidade se o operariado  
não se manifestasse contra as deportações feitas pela po-  
lícia e consentidas pelos governantes.

Impede agora a responsabilidade das iniquas deporta-  
ções sobre o actual governo chefiado pelo dr. Domingos  
Pereira, o homem que depois de Monsanto não teve hesi-  
ções em mandar regressar à metrópole os operários de-  
portados pelo dezembrismo, porque era de justiça, con-  
forme então confessou.

Porque não procede agora o dr. Domingos Pereira  
com o mesmo critério de 1919? Porque inventa os sub-  
terfúgios dos relatórios da polícia? Porque não encara a  
situação de frente, como da outra vez?

## Sete anos de Presídio Militar de Santarém e mais seis de África por delito de cobardia moral, num país onde campeia a cobardia!

A história comezou do presídio que  
há dias passou célebre numa das nossas crô-  
nicas, pôe uma nota final no quadro de  
dôr e de suplício que é a vida dos infelizes  
sob o peso do regulamento do Presídio Mi-  
litar de Santarém. É uma página de dôr  
onde perpassa uma vida de sofrimento que  
vem de há 7 anos e parece estender-se por  
mais 6 anos. Não sendo propriamente uma  
resultante do mostrengão que ontem flagel-  
ámos, é, todavia, a consequência dum re-  
gime de desprezo pela vida dos seres que  
ligeiramente beliscam o princípio da sua  
omnipotência.

Um calafrio de medo horrorizou-o. Avan-  
çar para o sítio indicado era um acto além  
das suas forças, era uma heroízida que  
não comportava o seu ânimo. Tive-  
medi, visei que era além das suas forças fis-  
icas e fugi! Fugi! para não matar, fugi  
para não ser morto! O desgraçado, porém,  
não se lembrou que a fuga lhe dariam como  
prémio uma condenação pesada com que  
agonizaria nessa buraca de fauces iracun-  
das que existe em Santarém—o presídio.

Passado tempo foi preso e condenado:  
sete anos em Santarém; mais seis em África.  
O verdicto do juri deu como provado o  
crime de cobardia moral e o António Sousa  
Júnior, a-pesar-de filho dum oficial do exér-  
cito — um coronel — foi parar à prisão.

Pedidos, solicitações, empenhos, nada  
lhe valeu. O tribunal é inexorável. Não per-  
deu uma falta, "tão grave". No entanto,  
quantos militares, talvez dos que condena-  
ram o António Sousa Júnior, fugiram para  
não matar. Fugiram para não serem mor-  
tos! Mas esses protege-los a capa da con-  
vivência e do favoritismo.

Aquele simples soldado, não! A protec-  
ção que lhe podia ser dispensada era o pre-  
sídio. E para ali foi há 7 anos, quase uma  
vida. Aprendeu o ofício de alfaiate, sendo  
actualmente o contra-mestre; aprendeu co-  
mo se vive soterrado, longe do mundo, e me-  
diocrois dum fado...

Quando o encontrámos junto à escola,  
aproveitando um descuido do guarda pre-  
tendemos arrancar-lhe uma palavra.

Mirava-nos quase aterrado. Queria falar-  
nos, dizer-nos certamente tudo quanto vai  
na alma vilipendiada por um sofrimento de  
7 anos, mas tinha medo. Mirava igualmente os  
guardas, não fosse infringir o regulamento.  
E só quando lhe preguntámos quanto  
tempo faltava para sair dali nos respon-  
deu, produzindo uns sons quasi inarticulados:

— Faltam-me 4 meses para sair do presí-  
dio. Irei depois para África...

Inquerimos depois, ao nosso guia do

## CRÓNICA DE VIAGEM AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DAS TERRAS DA GUINÉ

Algumas observações interessantes acerca do pôrto, da paisagem e do pitoresco dos costumes  
COMO VIVEM E MORREM OS DEPORTADOS

Em meados de Agosto, por uma noite  
abafada e quente, como o são quais tódas  
as noites de África, dei-me a tristes pene-  
dias de Cabo Verde e fui-me com rumo a  
terras lindérias da Guiné.

Fui no "Congo", um esplêndido barco  
de carga, por estarem demorados outros  
paquetes da carreira. Mas nada perdi por  
isso, porque o comandante, um homem  
amável e ilustrado, fez-me instalar na cár-  
cara, deu-me amplo e cómodo sofá por cama,  
e mesa saborosa, na companhia dos  
oficiais de bordo, gente leal e de boa ca-  
maradagem.

De mais a mais o comandante Oliveira é  
pessoa culta e viajada, de modo que nos  
momentos disponíveis fazíamos grandes  
cavacos literários sobre poetas e escritores,  
coisas de arte e coisas sociais, que diluiam  
a fadiga da viagem e a depressão pela tem-  
peratura quente. Numa dessas noites, sem  
qualquer beliscada na disciplina, houve  
guitarrada a bordo—e foram algumas horas  
de encanto, em que se esgotou o repór-  
tório dos mais numerosos e conhecidos fado-  
s, evocando-se aquela pitoresca e melan-  
cólica Lisboa dos boêmios e descuidados.  
Digam todos os filhos, e mais o sr. Forjaz de Sampaio, o que quizerem contra  
o fado. Mas todos eles, e até o nosso cam-  
pada Cristiano de Lima, que não morre de  
simpática pelas toadas da guitarra, se viaj-  
aram connosco nestas enormes noites de  
África, sobre o alto mar, não desdenharam  
nosso amor. Fugiram para não serem mor-  
tos! Mas esses protege-los a capa da con-  
vivência e do favoritismo.

Aquele simples soldado, não! A protec-  
ção que lhe podia ser dispensada era o pre-  
sídio. E para ali foi há 7 anos, quase uma  
vida. Aprendeu o ofício de alfaiate, sendo  
actualmente o contra-mestre; aprendeu co-  
mo se vive soterrado, longe do mundo, e me-  
diocrois dum fado...

comportamento do preso. Exemplar, nos  
disse. Já requereu várias vezes indultos,  
nunca o conseguiu por estar incus-  
to num delito de cobardia moral. A protec-  
ção que o comandante lhe tem dispensado  
não passa, afinal, da concessão de poder  
e estímulo.

Para a sua libertação, para a sua saída

não contribuiu.

António Sousa Júnior ainda ali o deixá-  
mos quando da nossa visita. Ficará ali até  
que cumpra o tempo a que foi condenado  
e dessa percia eu fui testemunha, neste  
terceiro dia de viagem para o continente negro.

A meio da tarde, por entre chuva confi-  
nada, vento e cerração, algumas sombras es-  
curas denunciaram no largo horizonte a

terra, e pouco depois, com auxílio do óculo,  
observávamos melhor o contorno das ilhas

que com seu o arvoredo à flor das águas

— A Guiné ainda está muito demorada,  
comandante?—preguntámos no segundo dia,  
pressurosos de avistar essas terras de mis-  
terio.

— Tivemos de diminuir o andamento ao

navio para não se chegar de noite à entrada

do canal, que é perigosa, das mais perigosas

da costa ocidental...

— Mas então perigo grave?...

— Não. Apesar muitos baixos, lido e  
pouca água; a costa é pouco iluminada e com  
tempos de ir fazendo sondagens. Mas não há  
perigo, apenas uma questão de previdência.

— E retirou-se, sorrindo confidamente,

para a ponte de comando.

Para estes homens do mar nunca há per-  
igo, ou pelo menos evitam de exteriorizar,  
talvez porque a sua vida e profissão é  
lidar em constante perigo!

Embora se não divisasse terra ao terceiro

dia pela madrugada certo que não deveria

estar longe, porque o calor asfixiava e eram

constantes as baixas de água tão famosas

nesta costa. Em cima, na ponte, o próprio

comandante dirigia a manobra, ele e os ofi-  
ciais encarados até aos ossos, e com uma

noite totalmente perdida. O barco marcha-  
va vagarosamente, cautelosamente, dando

umas sete milhas; e de momento a momento

não tardava a voz do tripulante que ia ro-  
mando, anuciando, alto: — oito braças! sete

braças! seis! cinco! seis! seis!...

Uma pena viajar assim, e muito desagra-  
dável o verificar que quinhentos anos de-  
pois dos portugueses ocuparam a Guiné,  
apesar das suas alegadas riquezas, ainda

a administração colonial não teve tempo e  
dinheiro para falar devidamente as suas

costas e apetrechar rudimentarmente, ao  
menos, os seus portos, de forma a facilitar

e estimular a navegação.

O que nos vale é a extraordinária pericia,

o arrazoado heróico dos nossos trabalhadores

náuticos, dos nossos técnicos marítimos —

e dessa percia eu fui testemunha, neste

terceiro dia de viagem para o continente negro.

A meio da tarde, por entre chuva confi-  
nada, vento e cerração, algumas sombras es-  
curas denunciaram no largo horizonte a

terra, e pouco depois, com auxílio do óculo,

observávamos melhor o contorno das ilhas

que com seu o arvoredo à flor das águas

Dois remadores negros, moços hercúleos,  
um curto de ganga azul, dôrso nu e  
carapinha ao sol, levam-me num barquito  
frágil, retezando os músculos de aço contra  
as correntes do rio; são dois perfeitos

exemplares da raça manjaco que fornece  
os melhores marinhos da vasta Guiné, ma-  
rinheiros valentes e previsões que, em ter-  
ra, sab

são calçadas; e a maioria dos prédios, não possue os mais elementares requisitos para habitação.

Além disto, não tem água, não tem luz, não tem exogtos, não têm um hotel—empresa indispensável e certamente lucrativa. Exceção para os edifícios da alfândega, correios, Banco Ultramarino e algumas casas comerciais, pode dizer-se que tudo está por fazer. Estas faltas certo que podem atribuir-se, bastante ao facto de Bissau só haver pouco tempo ter uma vida municipal organizada, e muito à razão de só em 1915 ter sido feita a ocupação definitiva por Teixeira Pinto.

Antes desta data os europeus de Bissau levavam uma vida de sobressalto, constantemente ameaçados pelos *papéis*, raça forte, audaciosa e guerreira, que não se conformava com a perda do seu chão, e que bastantes vezes batia à porta da praça em som de guerra, para repetidas surtidas que custaram muito sangue. Hoje este aspecto mudou, mas as consequências ainda se sentem no aspecto embrionário da cidade.

Mas, a par destas razões, há também que lançar em conta, como responsáveis pelo misério aspecto citadino, erros de administração colonial, menos acertados, de longa data, que se patenteiam ao primeiro exame.

A nota mais pitoresca que se exibe em Bissau é dada, exuberantemente, pelo tumulto das diversas raças negras que aqui exercem a sua actividade ou indolência...

Há cerca de vinte tipos diferentes, cada um com os seus usos, costumes, linguagem vestuário e indumentária, que vai desde o nô de homens e mulheres, apenas com uma minúscula tanga ou pequenino pano à cintura—como usam os *balantas* e *papeis*—até aos mantes bordados e flamantes túnicas ricas das *fulas* e *mandingas*, árabes africanos.

Tudo isto, apolítico de cõr, dum encanto bárbaro, cheio de movimento e confusão, numa Babel de idiomas cujos segredos só eles entendem, vale muitas crónicas e daria telas riquíssimas a qualquer pintor que quisesse revelar à Europa uma África inédita e maravilhosa.

\*\*\*

Para outra vez ficar o glosar de tão curiosos motes, e antes de cerrar esta crônica, queremos escrever algumas palavras sobre os deportados.

Assim que cheguei pedi que me ensinasse onde poderia encontrar os deportados, para averiguar da sua situação ou reclamações. Horas depois, no novo edifício do tribunal em construção, encontrei-me com alguns détes que trabalham na Construção Civil, e cujos nomes já conhecem. Aí foi um largo estendal de amargas queixas.

Nunca pode ser satisfeita a condição dum deportado, mas os que ficaram em Cabo Verde estão, incomparavelmente, em melhor situação.

Aqui, aos que trabalham, o Estado nada lhes abona, a não ser a miséria enxerga-ende dormem, que é do pior.

Aos que ainda não arranjaram trabalho, dão-lhes dez escudos diáriamente. Esta impôrta, numa região de vida caríssima e de medicação preventiva, é a miséria e o mais curto caminho para a morte.

Em geral têm aspecto gravemente doentio, ésses homens com quem falei, e quaisquer afirmam que estão inocentes, não restando o julgamento.

Aqui tive a notícia da morte de dois détes, que foram enviados para Bijagó. Suponho que ai devem ter, de há muito, tal notícia, possivelmente acrescida da nota de outros que devem ir morrendo aos poucos, dada a condição do clima, os desculpos de higiene e o mau passado.

Em Portugal creio que não foi ainda testemunhada a pena de morte, e se um dia o fosse certo que não empregariam este sistema...

Quaisquer que possam ser os delitos violentos desses homens—delitos que eu não aprovo e com que não posso concordar—só a justiça os pode conhecer e julgar.

Afigura-se-me esta pena de morte, arbitrária e inconstitucional, o pior dos crimes.

As instituições sociais e os seus órgãos representativos, quaisquer que sejam, mesmo em face dos maiores cataclismos não podem perder a cabeça e usar, como *révanche*, das mesmas violências que usam os indivíduos. E' até nesses momentos que devem pôr à prova a sua competência e seriedade, os verdadeiros homens de Estado.

Mas, acerca dos deportados e de outros aspectos da Guiné, falaremos mais vagamente em crônicas sucessivas.

Setembro de 1925.

Juliano QUINTINHO

## A RECONQUISTA DE XANGAI

XANGAI, 17.—Esta cidade foi ontem conquistada pela quinta vez pelas forças do general Sun-Chuan-Fang, governador militar da província de She-Kang, o qual é aliado do general Pei-Fu, o mais poderoso inimigo do marechal Shang-Tao-Ling, da Manchúria.

Os contingentes que constituem a guarnição de Xangai eram comandados pelo general Feng-Liam, e retiraram durante a manhã, segundo as ordens recebidas, em virtude da derrota sofrida nos arredores da cidade.

Os soldados de Sun-Chuan-Fang, entraram de tarde, num efectivo de 10.000 homens, ocuparam os estabelecimentos militares e as estações de caminho de ferro, e aprisionaram 200 homens do general Feng, que não retiraram tempo. O governo de Pequim parece ter deliberado entregar ao general Sun-Chuan-Fang, o governo da província de Kiangsu, na qual Xangai se acha situada, a fim de remover qualquer oposição à conferência das tarifas alfandegárias, que na segunda-feira inicia os seus trabalhos em Pequim.

TEATRO APOLÔ HOJE e todas as noites

EMPOLGANTE

O SÓLTIMBANCO

Desempenho inegualável  
- Só nenhuma interessante.  
Elegantíssimas toletes apresentadas por BERTA DE BHAR

Curiosa encenação  
de AR. JOÃO PEREIRA

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

## OS ABUSOS DA AUTORIDADE

Pai e filho, depois de ferozmente agredidos pela polícia, são presos e condenados a quatro meses de prisão no tribunal dos pequenos delitos

Foram ontem julgados no famigerado tribunal de pequenos delitos e condenados a quatro meses de prisão, dois homens a quem a polícia acusou de praticarem distúrbios em Alfama, provocando a intervenção da autoridade a quem desrespeitaram. Seria justo ou injusto o procedimento da polícia, prendendo, julgando e condenando, sem mais apelo, nem agravos, esses dois homens, que são pai e filho? E' o que vamos apreciar, com aquela imparcialidade que pombos nestes assuntos, imparcialidade que nos tem levado a louvar os bons actos—e tão poucos são—dos agentes da ordem, e a escalpelizar os seus constantes excessos.

\*\*\*

Anteontem de manhã, alguém nos veio informar de que falecera no hospital, vítima de uma agressão da polícia da esquadra dos Caminhos de Ferro, um rapaz estivador chamado Américo Ferreira, mais conhecido pelo Américo Leão. O informador relatou-nos como se passara a ocorrência que vitimara o rapaz, que não desejou de não incorrermos em deturpação da verdade, ouvimos e dispusemos-nos a ir até Alfama, investigar o facto. De tarde, eramos informados de que, afinal, o rapaz não morrera mas ficara bastante contuso e mesmo assim se encontrava com o pai, ambos presos num calabouço do Governo Civil. E de tal forma nos pintaram o quadro da agressão que mais se arreigou o desejo já sentido de irmos ouvir alguns dos moradores das ruas circunvizinhas do velho Chafariz de Dentro.

\*\*\*

Para outra vez ficar o glosar de tão curiosos motes, e antes de cerrar esta crônica, queremos escrever algumas palavras sobre os deportados.

Assim que cheguei pedi que me ensinasse onde poderia encontrar os deportados, para averiguar da sua situação ou reclamações. Horas depois, no novo edifício do tribunal em construção, encontrei-me com alguns détes que trabalham na Construção Civil, e cujos nomes já conhecem. Aí foi um largo estendal de amargas queixas.

Nunca pode ser satisfeita a condição dum deportado, mas os que ficaram em Cabo Verde estão, incomparavelmente, em melhor situação.

Aqui, aos que trabalham, o Estado nada lhes abona, a não ser a miséria enxerga-ende dormem, que é do pior.

Aos que ainda não arranjaram trabalho, dão-lhes dez escudos diáriamente. Esta impôrta, numa região de vida caríssima e de medicação preventiva, é a miséria e o mais curto caminho para a morte.

Em geral têm aspecto gravemente doentio, ésses homens com quem falei, e quaisquer afirmam que estão inocentes, não restando o julgamento.

Aqui tive a notícia da morte de dois détes, que foram enviados para Bijagó. Suponho que ai devem ter, de há muito, tal notícia, possivelmente acrescida da nota de outros que devem ir morrendo aos poucos, dada a condição do clima, os desculpos de higiene e o mau passado.

Em Portugal creio que não foi ainda testemunhada a pena de morte, e se um dia o fosse certo que não empregariam este sistema...

Quaisquer que possam ser os delitos violentos desses homens—delitos que eu não aprovo e com que não posso concordar—só a justiça os pode conhecer e julgar.

Afigura-se-me esta pena de morte, arbitrária e inconstitucional, o pior dos crimes.

As instituições sociais e os seus órgãos representativos, quaisquer que sejam, mesmo em face dos maiores cataclismos não podem perder a cabeça e usar, como *révanche*, das mesmas violências que usam os indivíduos. E' até nesses momentos que devem pôr à prova a sua competência e seriedade, os verdadeiros homens de Estado.

Mas, acerca dos deportados e de outros aspectos da Guiné, falaremos mais vagamente em crônicas sucessivas.

Setembro de 1925.

Juliano QUINTINHO

## O SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO: O político profissional, por Bento Faria.

Carta ao sr. Governador Civil com um pedido particular, pela Voz que prega no deserto.

Exercícios militares, por Eduardo Faria.

Trabalhadores e parasitas, por Noqueria de Brito.

Regionalismo e internacionalismo, por Ferreira de Castro.

Aportamentos sobre o jornalismo, por J. B.

Ecos da Semana, por F. de C.

A Revolução na Inglaterra.

Crônica Internacional.

O que todos devem saber..., (com gravuras).

Chico, Zecas & C., (com gravuras)

Quedas

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, deu entrada Fernando Temudo Vitoriano de 10 anos, filho de Ma. Joaquim Vitoriano e de Alice da Conceição Temudo, natural de Lisboa e residente na calçada dos Barbardinhos 16 porta 4, que caiu numa cocheira de um indivíduo de nome Afonso, na rua Pedro Alexandre, fracturando o crânio.

A enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José recolheu José Correia de 35 anos, pedreiro natural de Lisboa e morador na rua dos Anjos 72, 1.º que caiu de um andar do 2.º andar do prédio 39 da Praça José Fontana, fracturando a coluna vertebral.

Um outro circunstânte interrompe e afirma:

O Américo nunca puxou por um fer-

## A CONFERÊNCIA DE LUCARNO

A França, a Bélgica e Alemanha prometem nunca mais brincar às guerras

LUCARNO, 17.—Depois de ter aprovado as duas convenções de arbitragem entre a Alemanha e a Polónia e a Tchecoslováquia, a conferência dos ministros dos negócios estrangeiros aprovou o texto do protocolo final dos seus trabalhos, que foram constituídos por um tratado entre a França, Alemanha, Inglaterra e Itália, e pelas duas convenções já citadas.

No pacto de segurança comprometem-se a França, a Bélgica e a Alemanha, com garantia da Inglaterra e da Itália, a renúncia ao recurso da guerra, e a garantir a inviolabilidade da fronteira do Rheno.

O Reich renova solenemente a sua renúncia à Alsácia Lorena.

Convenções complementares acompanham o pacto rheno e estipulam que todos os vizinhos da Alemanha ocidental, excepto a Rússia, se comprometem, bem como a Rússia, a submeter a arbitragem todos os eventuais conflitos.

O sr. Stressmann declarou que os delegados alemães subscriveram sincera e alegremente o protocolo final, e o sr. Briand responder que o gesto alemão de Lucarne deve marcar o inicio da era de colaboração entre a França e a Alemanha, o que foi vivamente aprovado pelos srs. Chamberlain e Vandervelde.

O sr. Briand parte amanhã para Paris, onde chegará segunda feira.

A Alemanha entrará incondicionalmente na S. D. N.

LUCARNO, 17.—O pacto europeu de segurança, o qual garante a neutralidade das zonas desmilitarizadas do Rheno, foi assinado ontem à noite pelos representantes da França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Itália.

Segundo o comunicado oficial, a conferência ocupa-se agora do acordo que há de conduzir à entrada incondicional da Alemanha na Sociedade das Nações, a fim dos diversos parlamentos poderem ratificar o pacto e os tratados de arbitragem que o acompanham. Os protocolos após a ratificação serão assinados em Londres no dia 1 de Dezembro e uma sessão especial da Sociedade das Nações será convocada para 16 do mesmo mês para a admissão do Reich.

Os russos não estão contentes

MOSCOW, 17—*Izvestia* qualifica o pacto de Lucarne de capitulação da Alemanha e o *Jornal dos Operários e do Trabalho* considera-o incompatível com as relações existentes entre a Alemanha e a Rússia.—L

APOLÔ

A superior interpretação dada à peça *O SALTIMBANGO*, em cena neste teatro, dá ocasião a fazer ressaltar o brilhantismo de algumas das suas mais trágicas cenas.

Surpreendente espectáculo

Os mais extraordinários e atraentes trabalhos

DA

Grande Companhia de Circo

AMANHÃ:—Espectáculo da Moda

Estreia do notável jongleur SELBO

O Café do átrio do Coliseu é o que serve melhor e mais barato

IMPRENSA

HOJE 2 sensacionais espectáculos HOJE

A's 14,30 (2 e meia)

Grandiosa "Matinée"

Programa completamente variado

A's 21 (9 da noite)

Surpreendente espectáculo

Os mais extraordinários e atraentes trabalhos

DA

TIVOLI

TEL. N. 5171

ÀS 3 h. e 8 3/4 h.

A AVÓ

Comédia dramática em 7 partes

HAROLD, NETO AMIMADO

Comédia em cinco partes, com HAROLD LLOYD

Uma cine revista

Na matinée têm entrada gratuita as crianças acompanhadas

# 'A Batalha' na província e arredores

## Coimbra

A carestia da vida e o preço do pão

### Uma iniciativa simpática

COIMBRA, 15.—Dos gêneros de primeira necessidade, é sem dúvida o pão o que se mantém num preço quase inacessível às classes trabalhadoras.

Estando um grande número de operários de diversas classes lutando com uma enorme falta de trabalho, e vendo outros os salários muito diminuídos—uma das consequências da crise—era natural que se fôsse observando, uma baixa sensível nos artigos mais essenciais à vida.

Tal não se observa, porém; mas é no pão onde se verifica uma maior disparidade, em relação a outros gêneros, pois o seu preço é o mesmo que há anos. Contudo, o trigo e o milho sofreram uma baixa de 50% aproximadamente, e, por consequência, as farinhas deviam ter melhorado em igual proporção o seu custo.

?Porque se mantém, então, tão caro aquele gênero?

Ninguém olha para este melindroso assunto, e mal do povo se espera das entidades oficiais a solução deste problema. As autoridades só depois de muito forçadas é que se dignam volver os olhos para assuntos desta natureza. E, demais, agora, que as suas preocupações vão todas para as eleições que se avizinharam... E acima dos interesses do povo, estão de preferência os das respectivas capelinas políticas!

Para terminar, resgatemos de *A Renovação*, semanário local, este bocadinho de oiro:

«Espantoso»—Os directores da Moagem «Portugal e Colônias» que em Coimbra tem sucursais na estrada da Beira e perto da Estação Nova, recebem de vencimentos mensais 3.500 escudos e a maquia que lhes coube na última gerência foi só de 700 contos a cada um.

Aqui fica quase desvendado o motivo porque o povo come o pão caro e mau que lhe é fornecido pelos *legionários* da U. E.

O *Século* chamará naturalmente a estes ladrões, vítimas sacrificadas!

—Um grupo de operários resolveu fundar uma agremiação excursionista, com intuições educativas e sociais. Propõe-se esta colectividade desenvolver entre os seus associados o gosto pelos assuntos de arte e, assim, vai realizar o seu primeiro passeio no dia 9 do próximo mês de Novembro, ao histórico convento de São Marcos, sito nos arredores desta cidade. Já convidou o ilustre arqueólogo professor sr. Tomás da Fonseca para os acompanhar nesse passeio.

A nova associação, que tem, também, fins de solidariedade, pois auxilia os seus componentes em caso de doença, adoptou o título de «Grupo Excursionista 1.º de Maio.»

A comissão administrativa é composta pelos operários José Lemos, Júlio de Souza, Armando Vieira e Manuel Luís.

—Vão mosquitos por cordas entre os empresários do Coliseu de Coimbra, pois, segundo é voz corrente, descobriu-se grossa roubalheira praticada por alguns membros da gerência, atribuindo-se as principais responsabilidades a um *fúria-viva*, rei da indústria hoteleira nesta cidade.

Claro que aquilo não há de ser nada. O negócio é rendoso e depressa o desfalque há de ser coberto, pois os prestantes empresários contam muito com a imbecilidade e ignorância deste povo para lhes encobrir as *burras*...

Ainda se os menos os pobres bichos tivessem uma *folga*, enquanto os toureiros andam às bulhas...

### Os rendimentos dos operários

Deu entrada no hospital da Universidade, com o crâneo fracturado, o menor de 11 anos, António Pereira, que foi vítima dum desastre na «Cerâmica, Limitada», onde andava a trabalhar.

O estado do pobre rapaz é bastante grave.

onde está a famosa lei de protecção aos menores que vedava a entrada destes nas fábricas até à idade de 14 anos?

## Evora

### Sessão de propaganda anti-política

EVORA, 14.—Com uma regular assistência, efectuou-se na sede da U. S. O. uma sessão de propaganda contra a doutrina expandida no comício nacionalista por oradores daquele partido.

Esta sessão, organizada pelo N. J. S. fôra

solução, que, da parte de Deus, lhe era sugerida pelas suas vozes!

Ela estava pois decidida, no caso que os chefes de guerra se opozessem ao seu projecto, a levá-lo a bom fim, mau grado deles, reclamando sómente o auxílio dos vereadores e das milícias da boa cidade de Orleans, que o Senhor tomaria debaixo da sua protecção, porque aqueles defendiam a sua cidade, a França, e o rei contra os ingleses. Ela faria, pois, naquele mesmo dia, convocar a milícia para o dia seguinte ao romper da dia; e, seguida ou não pelos capitães e seus bando, ela marcharia direita ao inimigo.

O projecto de Joana, exposto com voz firme, foi plenamente aprovado pelos vereadores, porém suscitou as mais violentas objecções da parte dos cavaleiros. Eles o declararam tão arriscado como impraticável. O senhor de Gaucourt resumiu as opiniões dos seus címplices exclamando com uma altivez desrespeitosa, «que por fim, o conselho dos chefes de guerra havia tomado uma decisão, que esta decisão havia de ser mantida, e que elas estavam dispostas a opor-se pela força, se preciso fosse, a que a gente de Orleans tentasse no dia seguinte qualquer ataque, e que tal era a vontade do conselho.»

—O seu conselho decidiu, diz o senhor? — replicou Joana com firme serenidade. — Pois fique sabendo que o meu conselho também decidiu... é o de Deus; hei de obedecer-lhe mau grado seu e dos seus colegas!...

E a Donzela saiu possuída da mais profunda dor causada pela perfídia e pela malvadez desta gente de guerra, mas firmemente resolvida a pôr termo a tantas e tão funestas demoras, e, de acordo com os vereadores, a não pedir a salvação da cidade senão à intrepidez dos seus cidadãos.

Joana ocupou-se pois dos preparativos do ataque dia seguinte, encarregou os vereadores de mandarem reunir o maior número possível de barcos grandes destinados ao transporte dos combatentes, à frente dos quais ela devia, ao romper do dia, atacar os ingleses do lado de Tournelles.

## Agenda de A BATALHA

### CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26		Aparece às 6,49
T.	13	20	27		Desaparece às 17,25
Q.	14	21	28		
S.	15	22	29	L.C. dia 2 às 5,23	
S.	16	23	30	L.M. dia 9 às 18,34	
S.	17	24	31	C.C. dia 24 às 18,38	

### MARES DE HOJE

Praiamar às 3,09 e às 3,26  
Baixamar às 8,39 e às 8,56

### ESPECTACULOS

TEATROS  
Portoteam—A's 21,30—Leão da Estrela.  
Ripoli—A's 21,15—O Salimbanco.  
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Rataplan».  
Collson—A's 21—Companhia de circo.  
A's 14,30—Matinée.  
Salão 305—Animatógrafo e Variedades.  
Juvento—A's 21,30—Mimosa e A Cladá.  
Gil Vicente (a Graça)—A's 20—Animatógrafo.  
Krenelis Parque—100as esquinas—Concertos e diversões.

### CINEMAS

Olimpia—Chão Terrasse—Salão Central—Cinema Condé—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Esperança—Chantecier—Tivoli—Tortoise.

## CONSELHO TECNICO

### DA

## CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as provéncias.

Telefone — 539 Trindade

Escriptório:

Calçada do Combro, 38-A, 2º.

## Damos

Por menos de metade do preço, por motivo de dissolução de sociedade, todas as nossas fazendas de lá para fatos, sobretudos e casacos de senhora. Fazendas de lá para fatos em todas as qualidades, padrões e cônères, desde 8\$50. Retalhos em bôas medidas, quase de graça

## DONAS

Fabricantes de Lanifícios—Depósito de venda a retalho (Directamente ao público)

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2º.

NO PORTO

Praça da Liberdade, 115

Avenida dos Aliados, 1 e 5, e rua Fernandes Tomás, 392, A

## TELHA PORTUGUESA

Vende-se uma porção.

Rua do Almada (a Bica), n.º 5.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

convocada com o fim de a ela assistir um dos oradores que às classes proletárias se havia referido, e que acedeu ao convite.

O orador nacionalista compareceu na Associação dos Rurais, mas como nessa noite havia reunião dos mesmos, a sessão foi transferida para a U. S. O. onde ele não compareceu, ao que parece em virtude de alguns afazeres o impedirem.

A-pesar disso a sessão efectuou-se usando da palavra vários oradores que fizeram um ataque violentíssimo à política nacionalista, assim como ao autor da lei da pena de morte.

Foi resolvido levar a efecto um comício público de tribuna livre, no mesmo teatro, no próximo dia 18, contraditando as afirmações que ali se fizeram no domingo antecedente.

# A BATALHA

## A vida e as obras de Pedro Kropotkin descritas por Adrian del Valle

### Aspecto moral

A atitude que assumiu quando estalou a guerra europeia, apreciada dentro do ponto de vista estritamente socialista, pode ser tida como parcial em favor de uma parte dos contendores, os aliados. Há que ter presente, no entanto, que a sua preferência era motivada, tanto pela sua simpatia a determinadas nações, como pelo seu conhecimento do imperialismo germânico, em cuja vitória via uma reacção militarista, uma detenção na evolução progressiva da humanidade e um retardamento da revolução social. Demais, éles considerava que a agressão partia dos germanos, que encaravam os territórios da Bélgica, da França e da Sérvia, com desejos de conquista, e de há muito via sustentando que os anarquistas deviam vê com simpatia os povos que lutavam pela sua independência.

Encontrando-se na Rússia, em pleno período revolucionário, o seu prazer pelo derrubamento final do czarismo e o advento de uma era nova viu-se amargurado, primeiramente pelo receio de que triunfasse a Alemanha e se malograsse a revolução; depois, porque esta, monopolizada por um partido socialista governamental, não significava a realização do seu ideal. Via na ditadura do proletariado, de facto ditadura de um só partido, o bolchevique, que estanguaria a liberdade e iniciativa da massa, e previa, por outro lado, que não secundava os de mais países a revolução russa, esta não poderia satisfazer todos os seus fins. Actuando conforme a sua tendência libertária, não se submeteu aos bolcheviques, ainda os combateu em determinados casos, porém, jamais fez o jôgo dos inimigos da revolução.

O comissário da educação bolchevique pediu licença a Kropotkin para publicar suas obras, em uma nova edição, que constaria de cinquenta mil exemplares de cada obra, e que o Estado lhe pagaria, como autor, dois rublos por cada exemplar. Kropotkin consentiu gostosamente em que se publicassem; porém, recusou aceitar a retribuição, dizendo que não queria receber dinheiro do governo, ainda que mesmo dum governo socialista.

Quanto acabamos de expor, de maneira breve e concisa, pôs bem em relevo a alta personalidade moral de Kropotkin. O constante motivo da sua vida, é trabalhar pelo bem das massas oprimidas e exploradas pelas minorias privilegiadas; seu ideal é que a humanidade, segundo a sua senda da revolução, que considera uma evolução acelerada, alcance o estado mais perfeito possível, gozando todos os seres de bem estar e liberdade. E para contribuir para a consecução de tão nobres aspirações, renunciou à sua gerarquia, ao seu título, à sua carreira militar, às considerações da corte, a altos cargos em corporações científicas;

(Continua).

### SOLIDARIEDADE

Um apelo da sub-comissão Pró-José Pires de Matos

A sub-comissão de auxílio a este dedicado militante revolucionário, encontra-se numa situação bastante crítica.

José Pires de Matos, cujo estado de saúde melhorava consideravelmente, nos últimos tempos piorou, sendo obrigado a retirar-se da localidade onde se encontrava e regressar a Castelo Branco. O médico aconselhou a prescrever-lhe um tratamento e um regime rigorosíssimo que teve que seguir.

A sub-comissão encontra-se sem recursos e com um grande déficit e por isso se dirige a todo o proletariado, a todos os grupos anarquistas e a todos os revolucionários para que a auxiliem na sua missão.

Todos os Sindicatos, grupos revolucionários e organismos que receberam circulações e que ainda não responderam devem mandar quanto antes a sua contribuição.

A todos os camaradas revolucionários pedimos que abram imediatamente quetes nas fábricas, oficinas, escritórios e em todos os lugares de trabalho, enviando rápidamente o seu produto a fim de não deixarmos tombar este camarada.

Igualmente pedimos a realização de festas veladas sociais em prol deste revolucionário. A sub-comissão de auxílio, espera que todos saibam compreender a gravidade da situação e correspondam urgentemente ao seu apelo.

Toda a correspondência e valores enviar para: José Vilhena, Associação dos Corteiros—Castelo Branco.

Lista de donativos recebidos por esta sub-comissão:

Transporte, 1.154\$00.—Comissão Central de Lisboa, 100\$00; Manuel da Costa Godinho, 5\$00; Ernesto Pereira, 1\$00; Belmiro Correia, 1\$00; Gaspar dos Santos, 1\$00; queite aberto no Congresso Confederal, 111\$00; idem na Fábrica de Polvora de Barcarena, 40\$50; a transportar, 1.418\$00.

Foi entregue a Adelaide dos Anjos pela comissão administrativa da Seção Sindical da Construção Civil de Belém a quantia de 48 escudos, proveniente dum quete tirado no Novo Manicômio em auxílio de Abel Ribeiro de Almeida, já falecido.

José Maiques, na assembleia geral da Seção de Belém, declarou, por lapso, ter recebido para a família do indivíduo acima referido a quantia de 84 escudos quando era de 48, conforme nota de Adelaide dos Anjos.

### Uma injustiça

O operário José Vasco Fernandes é um dos sinistros da companhia de seguros «Lex». No domingo passado, por a lei nesse dia não garantir o subsídio aos sinistros dos desastres de trabalho, ausentou-se de casa, exactamente à hora em que o fiscal da companhia ali foi. Este como o não encontrasse em casa deu a respectiva parte, e ao Fernandes foi cortado o subsídio, só recebendo daquela companhia o auxílio médico, por ainda estar doente.

Como aquele operário considera uma injustiça a atitude da companhia, por recuar num falso comedita, num dia em que o sinistro não recebeu subsídio, o Fernandes vai reclamar do tribunal os desastres de trabalho, vindo ontém a esta redacção referir a injustiça e pedir que a tornassemos pública. Ai fica o satisfeito o seu desejo.

### HORARIO DE TRABALHO

A exploração dos moageiros dos «Leões» de Evara

EVORA, 15.—Na fábrica de massas das moageiros dos «Leões», continua a mesma exploração.

Os salários das mulheres continuam a ser de 5\$00, com o horário de 10 horas de trabalho. Ai fica o satisfeito o seu desejo.

## AS GREVES

### Chacineiras de Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 16.—A greve das chacineiras, vulgo chacineiras, continua com o máximo entusiasmo e firmeza.

Os patrões chacineiros continuam a apresentar intransigência e irreductibilidade em solucionar o conflito que provocaram com a sua ambição desmedida.

A um ofício que a Associação respectiva lhes enviou repudiando a redução dos salários em 25 p. c., responderam os industriais que essa redução é tanto mais justificada quanto é certo ainda concederem às operárias 25 vezes mais que o que ganhavam em 1914. Pretendendo os industriais pagar apenas 7\$50 por hora, em vez de 15\$00 como até agora pagaram, calcule-se o que as desgraçadas mulheiras percebiam em 1914!

Este argumento apenas significa que estes industriais foram sempre sordidamente egoístas e ladravizes, pois só o hábito tradicional de roubarem escandalosa e impunemente quem os enriquece explica o seu gesto de agora.

Para estes eméritos sanguessugas—admitirmos como fundamentado o seu argumento—não existe o direito de as operárias poderem satisfazer as sempre crescentes necessidades.

A Associação das Operárias Chacineiras responde-lhes condignamente noutro ofício e as mulheres continuam mantendo um espírito de solidariedade digno de registro, que é a resposta mais formal e conciente que podem dar aos industriais.

Tendo-se sugeido a uma redução apenas de 10 p. c., as mulheres transigiram demasiado e isto ainda se deve ao facto de terem pretendido evitar um conflito que afinal sempre se deu, quando o que deviam ter feito era recusar formalmente qualquer resolução e para isso talvez não tivessem que fazer maior sacrifício que o que estão fazendo para se manterem na transigência.

Tudo isto é o resultado da sua pouca experiência na luta. Contudo, se se atender a esta circunstância, o seu movimento é dos mais esperançosos e já se divisa um triunfo. Bastantes industriais confessam a vontade de que o conflito tenha a solução proposta pelas operárias. Mas há sobretudo uns dois ou três de entre eles, que são dos mais fortes, que estão exercendo uma pressão constante sobre os restantes e de tal modo que a maior parte deles não se decidem a romper.

E' que—ao que se diz—os dois ou três potentados da indústria de salchichas pretendem por este meio arruinar os pequenos industriais para tudo poderem assombrar em seu exclusivo benefício.

Esta greve é por eles utilizada como um gládio contra a concorrência que porventura lhes possam fazer no mercado.

O facto de alguns dos pequenos transigirem e aceitarem a proposta das operárias fundamenta-se em parte no reconhecimento dos baixos desejos dos potentados. Resta saber se os restantes consentirão em estar envolvidos naquele embrião que contra elas é.

Ontem deveriam reuniir as direcções dos sindicatos operários locais para se pronunciarem sobre a solidariedade a prestar às grevistas, as quais, de resto, mantêm-se resolutamente firmes e decididas a vencer a sua justíssima causa.

Oxalá que assim seja, pois se perderem este movimento o resto do industrialismo local ganhará coragem de proceder de igual modo com as demais classes.

Quando assumiu ontem a quadra da União dos Interessos Económicos. Chama bombista a Manuel dos Santos, pondo-se assim ao serviço d'ele.

O Século assumiu ontem uma atitude miserável—a atitude digna dum órgão que é propriedade da quadrilha da União dos Interessos Económicos.

Chama bombista a Manuel dos Santos, pondo-se assim ao serviço d'ele.

O Século sabe bem o que é vale e os repugnantes processos de que se serve.

Há um pormenor que merece ser referido: A explosão do petardo deu-se cerca de 1.30 da madrugada. Pois hora e meia depois já estava ordenada a captura de Manuel dos Santos. Extranha rapidez! Sente-se que não tudo anda dado oculto. Não seria difícil procurar entre alguns ricos marchantes a influência secreta que levou para a prisão um operário honesto sob uma acusação falsa.

Quanto às testemunhas que afirmam que Manuel dos Santos é bombista, se provarem existem, devem ser criaturas sem dignidade, nem carácter. Só refinados pílulas seriam capazes de criminizar um inocente!

Constando que a empresa pensa em recrutar tipógrafos em Lisboa e na província para trabalhar no jornal «A Epoca», a Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares exorta todos os compositores tipográficos a prestarem a sua solidariedade, não aceitando qualquer convite para trabalhar naquele jornal sem que o respetivo sindicato o determine.

Os três deportados fugidos já foram recapturados

A imprensa noticiou há dias a fuga, de Cabo Verde, dos deportados João Ferreira, Mário Fontainhas e José Soares. Não nos trouxe verosíbil essa fuga, visto que ela representava uma perigosa audácia, de difícil êxito para quem a empreendesse. Pensámos que se tratasse de mais um dos muitos bafos que acerco os deportados têm corrido.

E' portém, verdadeira a notícia. Numa ánsia natural de liberdade aqueles deportados, revoltados contra a situação ilegal, igual em que os mantêm, resolveram fugir, embarcando clandestinamente no vapor Africa.

Foi ontem recebido, na secretaria do Interior, um telegrama do governador civil do Funchal dizendo que haviam sido presos. Segundo ordens transmitidas àquela autoridade os presos voltam para Cabo Verde no primeiro vapor em que seja possível fazê-los seguir.

É, portém, verdadeira a notícia. Numa ánsia natural de liberdade aqueles deportados, revoltados contra a situação ilegal, igual em que os mantêm, resolveram fugir, embarcando clandestinamente no vapor Africa.

Foi ontem recebido, na secretaria do Interior, um telegrama do governador civil do Funchal dizendo que haviam sido presos. Segundo ordens transmitidas àquela autoridade os presos voltam para Cabo Verde no primeiro vapor em que seja possível fazê-los seguir.

Aqui fica o seu protesto; mas, talvez que a polícia, empenhada em inventar «legionários», não o queira ouvir e, muito embora sabendo-o inocente, o continue a torturar com a prisão.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### Uma exortação aos fabricantes de calçado

A Federação dos Operários da Indústria do Calçado Couros e Peles exorta os seus componentes a resistir à queda de salários, enviando a todos os sindicatos a seguinte circular:

«Caros camaradas:—A Federação da vossa indústria chama a atenção desse Sindicato para a pretensão dos industriais, obreiros e feitores, em querer baixas o preço da mão de obra. O argumento apresentado por estes senhores para conseguir os seus desígnios é de que não há quem compre o calçado por aí de obra sair cara, argumento este que não é verdadeiro, pois quando o operário recebe melhor salário maior abundância de trabalho existe; e que estes exploradores têm em mira aproveitar a crise existente, forçando-a ainda mais, para reduzir o preço da mão de obra e assim fabricar mais barato armazendo para depois de desaparecida a crise fazer valer a baixa, pois que nesse momento podem resistir aos seus operários por terem fazenda fabrica pronta a satisfazer os pedidos, com a garantia de que estes fornecimentos lhes deixam maiores lucros, os quais foram extorquidos ao labor dos operários com a baixa de salários.

Pode ser que muitos dos operários que aceitaram a baixa na mão de obra, digam que o fizeram porque não podiam vir fazendo dois ou três pares por semana; deve ser assim, mas a verdade é que tanto ou quase tanto ganha o operário que fez três pares a 25\$00 prefazendo um total de 75\$00, como fazendo cinco a 15\$00 que prefaz um total de 90\$00 que dá a diferença de 15\$00 por semana, isto enquanto o patrão não tiver os seus stocks completos porque dispe deles e, então, nem dois nem cinco; acontecendo que se os operários não tomarem uma atitude energica recusando-se a trabalhar por menos salário a crise aumentará, os salários diminuirão à expressão mais simples e a miséria nos nossos lares será certa.

E' pois pelo que acima fica dito que a vossa Federação vos aconselha a que empregues uma forte resistência contra o assalto levado a efeito pela polícia, à C. G. T., resolvendo enviar nesse sentido, ao presidente do ministério, um telegrama e dar conhecimento à C. G. T. e à Batalha do protesto aprovado.»

Conselho Inter-Federal dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

BARREIRO, 10.—Os ferroviários, reunidos ontem em assembleia geral extraordinária, aprovaram o seguinte protesto:

«A classe ferroviária do Sul e Sueste reuniu-se em assembleia geral extraordinária protesta contra o assalto levado a efeito pela polícia à C. G. T., resolvendo enviar nesse sentido, ao presidente do ministério, um telegrama e dar conhecimento à C. G. T. e à Batalha do protesto aprovado.»

Carta aberta a Mário de Sousa Menezes

Enviaram-nos também protestos contra o assalto à Associação da Construção Civil de Ponte e S. e à S. e à Associação de Classe dos Rurais de São Manços.

—A Associação de Classe da Construção Civil e Artes Correlativas de Parede e Arredores, aprovou um protesto contra o assalto feito no edifício da C. G. T. pela polícia.

Em torno do "milagre" de Fátima

Carta aberta a Mário de Sousa Menezes

Quando ontem, em plena avenida da Liberdade, me contaste as tuas impressões da peregrinação a Fátima, fiquei supreendido, como tu—bom simpatisante do padre Sousa Ramalho—ainda acreditavas nessa panaceia.

Eu supus, após a convivência que tivemos em caçadores 5, que essas ideias intimas—que trouxeste de Vouzela—fivessem desaparecido completamente!

Certamente foste a Fátima—não sei se de joelhos—para te penitenciar-te daquelas irreverências que cometemos na vida militar, quando fomos ao Município e a casa do Francisco Borges, mostrar-lhes a quenda do rancho e outras coisas, lembras-te?

Certamente foste a Fátima—não sei se de joelhos—para te penitenciar-te daquela grande de pecado que cometeste nos corredores da União Fabril!..

Sobretudo o que mais me interessou do nosso encontro na avenida da Liberdade, não foi a tua ida a tão piedosa romagem—com comodíssimo— nem os motivos que lá te levaram, mas os resultados que alcançaste, porque confessou que, quais se aderindo aquela dose de propaganda de que me impingiste, propaganda tão bem feita, e subistente até, quando me afirmaste que os deportados da Guiné também tinham uma religião!

Como resultados de tão santa viagem, trouxeste, se é que a não levaste, e, trouxeste, também, uma panela com água que era, segundo disseste, para ofereceres ao chefe da tua repartição na companhia das águas, onde é empregado!

Notaste, certamente, o meu pasmo quando me contavas todas as tuas impressões especialmente quando me garantiste que essas romagens não eram simplesmente para velhos, sacrificados ou patetas e não te supunha englobado em qualquer destas categorias.

Mas disseste-me também, que a água que lá tinhas bebido, te tinha feito muito mal; nesta parte estamos de acordo, porque qualquer água é sempre melhor do que aquela que nos fornece o ditador dos mestres, Carlos Pereira, e isto mesmo sem nenhuma razão.

Certamente foste a Fátima—não sei se de joelhos—para te penitenciar-te daquela grande de pecado que cometeste nos corredores da União Fabril,..

Os empregados no comércio, matriculando-se nas referidas aulas, demonstram ao patronato uma das muitas vantagens da humanidade lei das oito horas.

A direcção e a comissão de instrução atendem os associados ou qualquer empregado no comércio, todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

Pró-biblioteca dos Mineiros

O Sindicato dos Operários da Indústria Mineira de São Domingos, no prosseguimento da grande obra de propaganda e organização que originou a sua constituição há pouco mais dum ano, resolveu montar convenientemente, na sua sede, uma biblioteca que realize a obra de preparação revolucionária tão indispensável.

Não chegam, porém, os escassos vencimentos dos operários para dar curso